

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

PERCEPÇÃO DOS DIFERENTES ATORES ENVOLVIDOS NA CENA DO PARTO SOBRE VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA ¹

PERCEPTION OF THE DIFFERENT ACTORS INVOLVED IN THE CHILD SCENE ON OBSTETRIC VIOLENCE

Rosa Maria Zorzan de Paula², Eliane Gonçalves dos Santos³

¹ Revisão integrativa de literatura

² Mestranda em Ensino de Ciências UFFS, Campus Cerro Largo - RS. E-mail: rosa.paula@setrem.com.br

³ Doutora em Educação, professora de Práticas de Ensino e Estágio Supervisionado e docente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências, UFFS, Campus Cerro Largo - RS. E-mail: eliane.santos@uffs.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Embora a expressão violência obstétrica, seja pertinente há pouco tempo, o sofrimento das mulheres durante a parturição percorre diferentes momentos históricos. E diversas situações emergem, causando inquietação, de modo que cada vez mais se pense a respeito. Sabemos que a violência deixa marcas àqueles que, com ela sofrem. E no que se referem à violência obstétrica, as mulheres munidas de conhecimento e autonomia procuram desvencilhar-se das práticas abusivas, de desrespeito, maus tratos e negligência. A Organização Mundial de Saúde (OMS) define violência obstétrica como imposição de um grau significativo de dor e sofrimento evitáveis (BRASIL, 2014). Evidencia-se ainda:

[...] violência cometida contra a mulher grávida, e sua família em serviços de saúde durante a assistência ao pré-natal, parto, pós-parto, cesárea e abortamento. Pode ser verbal, física, psicológica ou mesmo sexual e se expressa de diversas maneiras explícitas ou veladas. Como outras formas de violência contra a mulher, a violência obstétrica é fortemente condicionada por preconceitos de gênero (PARTO DO PRINCÍPIO, 2012, p. 11).

A prática da obstetria traz consigo repulsões que perpetuam e buscam significar estas, muitas vezes desnecessárias e infundadas. Deste modo, vários são os aspectos que fazem o tema da violência obstétrica ser de extrema importância, e conhecer suas facetas, faz-se imprescindível para o planejamento das ações e intervenções da assistência de enfermagem obstétrica mais humana.

O presente estudo tem como tema a violência obstétrica e como objetivo principal conhecer a percepção de violência obstétrica para os diferentes atores envolvidos na cena do parto.

Palavras-chave: Violência contra a mulher; humanização do nascimento; respeito; formação profissional.

Keywords: Violence against women; humanization of birth; respect; professional qualification.

2 MATERIAIS E MÉTODO

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, conforme Mendes, Silveira e Galvão (2008), desenvolvida em seis etapas: identificação do tema; estabelecimento de critério de inclusão e exclusão de estudos/ amostragens; definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados/ categorização dos estudos; avaliação dos estudos incluídos na revisão integrativa; interpretação dos resultados e apresentação da revisão/ síntese do conhecimento.

A coleta dos dados ocorreu a partir das buscas de publicações científicas brasileiras indexadas na base de dados Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Base de Dados de Enfermagem (BDENF) e na biblioteca virtual *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), através de descritores cadastrados nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCs). A questão norteadora da busca foi: Qual a percepção dos diferentes atores envolvidos na assistência ao parto/nascimento sobre a violência obstétrica?

Os descritores utilizados no presente estudo foram Violência contra a mulher e Parto. Os critérios de inclusão adotados foram: artigos que respondem à questão norteadora, redigidos na língua portuguesa e pesquisas primárias que estão disponíveis on-line, na íntegra e gratuita e que foram publicados entre os anos 2013 a 2018. Os critérios de exclusão foram teses e dissertações, relatórios técnicos, editoriais, textos incompletos e livros.

Após o cruzamento do par de descritores foram localizados 60 artigos, sendo 17 da base de dados BDENF, 22 da base de dados SCIELO e 21 da base de dados LILACS. Os artigos encontrados nas bases de dados foram catalogados uma única vez. Após a avaliação dos critérios de inclusão e exclusão foram selecionados 23 artigos para a leitura dos resumos. Após a leitura dos resumos, 5 artigos respondiam satisfatoriamente à questão norteadora. Para análise dos dados foi utilizada a Análise de Conteúdo de Bardin (2011).

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Na presente revisão integrativa, foram analisados 5 estudos que cumpriram os critérios de inclusão e exclusão previamente definidos. Diante da análise dos textos, constatamos que os profissionais descritos como promotores da violência obstétrica foram médicos, enfermeiras e técnicos de Enfermagem. No que se refere ao ano de publicação, predominou o ano de 2017 (3), mostrando o quão o assunto violência obstétrica é atual. Quanto a bases de dados destaca-se a LILACS (3), seguido da BDENF (2). Os dados obtidos estão expostos a seguir, por meio do quadro sinóptico e da análise dos resultados encontrados, utilizando-se da comparação entre os estudos selecionados.

Quadro 1 – Quadro Sinóptico dos artigos incluídos para a revisão integrativa, conforme: título, autores, ano de publicação, objetivos, metodologia, atores envolvidos na cena de parto e principais resultados.

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica
ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

Artigo	Título	Autores (Ano)	Objetivos/ Metodologia	Atores envolvidos na cena de parto	Principais resultados
A1	Percepção de Enfermeiras Obstétricas acerca da Violência Obstétrica	LEAL <i>et al.</i> (2018)	Objetivo: conhecer a percepção de enfermeiras obstétricas acerca da violência obstétrica. Metodologia: estudo exploratório, abordagem qualitativa. Dados coletados nos meses abril e maio 2016.	Enfermeiras Obstétricas	As Enfermeiras Obstétricas percebem que a violência obstétrica se apresenta de diversas formas, entretanto não reconhecem determinadas práticas como uma violação.
A2	Violência Obstétrica Institucional no Parto: Percepção de Profissionais da Saúde	CARDOSO <i>et al.</i> (2017)	Objetivo: avaliar os saberes e práticas sobre violência obstétrica na percepção dos profissionais da saúde. Metodologia: estudo descritivo, exploratório, de abordagem qualitativa. Dados coletados no período de agosto a outubro 2015.	Médicos, Enfermeiros, Técnico de Enfermagem.	A grande maioria dos profissionais se mostrou desconhecadora do tema violência obstétrica.
A3	Violência Institucional, autoridade médica e poder nas maternidades sob a ótica dos profissionais de saúde	AGUIAR <i>et al.</i> (2013)	Objetivo: Discutir a violência institucional em maternidades sob a ótica de profissionais de saúde. Metodologia: abordagem qualitativa. Dados coletados no período de março a setembro de 2008.	Médicos obstetras, Enfermeiras e Técnicos de Enfermagem.	A análise revelou o reconhecimento desses profissionais de práticas discriminatórias e desrespeitosas no cotidiano da assistência a mulheres gestantes, parturientes e puérperas. Estas práticas não são percebidas como violentas.
A4	Percepção sobre violências obstétricas na ótica de puérperas	OLIVEIRA <i>et al.</i> (2017)	Objetivo: conhecer a percepção das puérperas no tocante às violências obstétricas. Metodologia: estudo descritivo, de abordagem qualitativa. Dados coletados no período de julho a outubro de 2015.	Puérperas	A percepção das mulheres em relação às violências obstétricas é restrita. Possibilitando perceber o desconhecimento sobre o assunto.
A5	Puérperas adolescentes: percepções relacionadas ao pré natal e ao parto	LUZ, <i>et al.</i> (2015)	Objetivo: Verificar a percepção das puérperas adolescentes sobre assistência recebida pela equipe de saúde durante o pré-natal e o parto. Metodologia: estudo com abordagem qualitativa. Dados coletados no período de julho a outubro de 2015.	Puérperas adolescentes	As adolescentes consideram o atendimento e assistência recebida durante o pré-natal e trabalho de parto satisfatório. Em contrapartida, foram evidenciadas situações de violência obstétrica com um atendimento desumanizado e humilhante.

Fonte: Paula, Bamberg, Santos (2018).

Para uma melhor apresentação e discussão, os resultados estão sistematizados em duas categorias de análise. Sendo que a primeira discute a percepção de violência obstétrica para os diferentes profissionais de saúde envolvidos na cena do parto e a segunda discute a percepção das puérperas.

3.1 Percepção de Violência Obstétrica para os profissionais envolvidos na cena de parto

Esta categoria relaciona os seguintes atores dos artigos: Leal *et al.* (2018) e Cardoso *et al.* (2017), respectivamente A1 e A2, discutem sobre o tema violência obstétrica sob a percepção dos profissionais de saúde, e Aguiar *et al.* (2013), A3, aborda a violência institucional, sendo os profissionais envolvidos na cena de parto são: Enfermeiras, Médicos obstetras e Técnicos de Enfermagem atuantes na área obstétrica. Quanto à percepção da violência obstétrica, fica evidenciada em todos os artigos, a grande maioria destes profissionais são desconhecadores da definição violência obstétrica.

A violência consiste em uma invasão da autonomia, da integridade física ou psicológica e à vida do outro. No entendimento que o uso de palavras ou ações que constroem as mulheres, como o uso abusivo do poder, causam danos e sofrimentos. Com isso, persiste ainda uma cultura discriminatória e punitiva dirigida às mulheres, que se caracteriza em uma relação entre profissional-usuário autoritária, com tratamento desumano, desafiando a uma transformação das desigualdades (BRASIL, 2014).

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

Para Leal *et al.* (2018) e Cardoso *et al.* (2017), A1 e A2, trazem como violência obstétrica, como, Manobras de Kristeller, episiotomias, toques dolorosos, cesareanas sem indicação. Porém, todos os artigos aqui estudados definem a violência obstétrica principalmente como violência verbal, o uso de termos intimidatórios e constrangedores, termos ofensivos e discriminatórios. Os profissionais parecem não reconhecer determinadas práticas como violação, e possuem a percepção de que os colegas de trabalho cometem violência obstétrica, definindo tal ato como desumano e errado, mas não interferem na conduta, talvez por acreditarem que tais condutas são justificáveis como “ajuda” à parturiente, sendo que os profissionais decidem e avaliam se precisa intervir ou não.

Contudo, estas práticas de violência contra a mulher são comuns no momento de vulnerabilidade. Reconhecimento de maus tratos e desrespeitos são percebidos e nomeados como violência e, em outros como exercício da autoridade profissional. Onde evidenciado nas falas da pesquisa de Aguiar *et al.* (2013), A3, os entrevistados admitem condutas “mais ríspidas”, ameaças tipo de abandono e aumentar a voz como forma de coagir a paciente a colaborar. Também como violência institucional, foi identificada imposição de valores ou julgamento moral, quebra de sigilo, invasão de privacidade, discriminação social ou étnica; tratar o outro como objeto (desrespeito a autonomia), negligência no atendimento (erro técnico, omitir ou não esclarecer informações importantes), abandono, desqualificar ou ignorar as queixas) e a ameaça ou represália de fato.

Com esta realidade sendo vivenciado em muitas maternidades, o Ministério da Saúde criou o Plano de Qualificação das Maternidades e Redes Perinatais, em busca do respeito aos direitos e à dignidade da pessoa humana.

3.2 Percepção de Violência Obstétrica para as puérperas

Esta categoria relaciona os artigos A4 e A5, em que Oliveira *et al.* (2017), A4, cita que para as parturientes a real definição de violência obstétrica limita-se aos atos de caráter psicológico e físico, demonstrando dificuldade em sua definição. Implicando na aceitação passiva de determinadas práticas e eximem as mulheres de reivindicar seus direitos e denunciar os atos violentos. Em que os profissionais de saúde que conduzem esse momento, tornam a mulher escrava do conhecimento desses profissionais, e não protagonista deste processo. A parturiente torna-se submissa à equipe de saúde, não sendo possível a execução do poder sobre o próprio corpo e suas experiências de parto (OLIVEIRA *et al.*, 2017).

Contudo Oliveira *et al.* (2017), A4, traz o contexto de nascimento vivido por essas mulheres, para os quais o atendimento ainda é considerado como satisfatório mesmo que as falas não confirmam com essa afirmação, quando analisada profundamente.

Juntamente com Luz, *et al.* (2015), A5, a maior parte das entrevistadas relatou satisfação com o atendimento pré-natal e com a assistência prestada durante o trabalho de parto e essa satisfação foi devida à atenção e às orientações oferecidas pela equipe de saúde. Por outro lado, houve casos de violência obstétrica durante o trabalho de parto, em que as parturientes foram atendidas de forma humilhante e desumana.

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

Quanto à assistência ao trabalho de parto, todas as entrevistadas responderam que tiveram direito a um acompanhante. Batista *et al.* (2017), traz a satisfação do acompanhante, que tem como fatores associados os cuidados prestados à mulher no trabalho de parto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos artigos analisados, concluímos que os profissionais possuem a percepção do termo violência obstétrica, porém acreditam que tais condutas são justificáveis, e não reconhecem certas intervenções como uma violação à mulher. Pois, por vezes, são atribuídos tais atos à falta de conhecimento ou ainda às crenças da parturiente, pela sua dificuldade de compreensão do que é lhe dito. As parturientes pelo fato de não serem conhecedoras deste tema, talvez sofram algumas violências sem perceber, de maneira velada e com “naturalidade”, como se isso fosse pertencente do processo de parir. Nesse sentido, a educação em saúde é indispensável, principalmente durante o pré-natal.

Fica evidente a necessidade de uma ampla reflexão referente à sensibilização dos profissionais envolvidos no processo de parir, discutindo e problematizando a efetivação do fortalecimento das redes de atenção à saúde materno-infantil. Entendendo que o parto é sim um evento fisiológico e natural e que o mínimo de intervenção seja uma constante, e nesta crença sejam facilitadoras de uma mudança sócio-cultural.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BATISTA, Bruna Daniela *et al.* 2017. **Fatores associados à satisfação do acompanhante com o cuidado prestado à parturiente**. Disponível em: <http://docs.bvsalud.org/biblioref/2017/11/875383/51355-209443-1-pb.pdf>. Acessado em: 10/07/2018

CARDOSO, Ferdinand José da Costa *et al.* 2017. **Violência obstétrica institucional no parto: percepção de profissionais da saúde**. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/110232/22159>. Acessado em: 10/07/2018

LEAL, Sara Yasmin Pinto *et al.* 2018. **Percepção de enfermeiras obstétricas acerca da violência obstétrica**. Disponível em: <http://docs.bvsalud.org/biblioref/2018/05/883486/52473-231497-1-pb.pdf>. Acessado em: 10/07/2018

OLIVEIRA, Mayra de Castro *et al.* 2017. **Percepções sobre violências obstétricas na ótica de puérperas**. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/23415/19090>. Acessado em: 10/07/2018

PARTO DO PRINCÍPIO. 2012. **Dossiê da Violência Obstétrica “Parirás com dor”**. Disponível em: <https://www.senado.gov.br/comissoes/documentos/SSCEPI/DOC%20VCM%20367.pdf>. Acessado em: 04/mar/ 2018.

Parecer CEUA: 23205.004977/2015-90

Parecer CEUA: CAAE: 84431118.2.0000.5350